

# Vivenciando o choro e o baião através da prática instrumental coletiva com um grupo de metais cadeirantes

## Comunicação

*Fabiola Santos de Araújo*  
Universidade Federal da Paraíba  
music.fabi9@gmail.com

*João Paulo Silva da Costa*  
Universidade Federal da Paraíba  
joaopauloedumusical@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho é um relato de experiência elaborado a partir da atuação de dois alunos estagiários no contexto não formal. O contexto de atuação escolhido foi em um grupo de cadeirantes do projeto acordes eficientes, e o nosso trabalho foi desenvolvido a partir de uma proposta de ensino tomando como base alguns princípios da pedagogia de projeto de Pimenta e Lima (2012). A proposta teve como objetivo vivenciar a prática instrumental com esses alunos através da abordagem do choro e do baião em um período de oito aulas. Além disso, foram feitas três observações que possibilitou um contato prévio com a turma para que pudéssemos planejar baseado no que foi visto nas observações. Como resultado, essa vivência contribuiu para o desenvolvimento humano dos alunos e suas práticas musicais, bem como para aprimorar nossa prática docente e entender à necessidade de ampliação e investimento em projetos voltados a pessoas com necessidades especiais. A fim de promover a inclusão desse público em vários espaços, permitindo assim, o contato com a cultura, arte e acessibilidade por meio da música. Dessa maneira, abordaremos o desenvolvimento das aulas, dificuldades que encontramos, e a contribuição dessa experiência para a nossa formação profissional.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado em música. Contexto não formal. Grupo de cadeirantes.

## Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido por dois alunos durante a disciplina de estágio supervisionado II do curso de Licenciatura em música da UFPB, e foi realizado no Projeto acordes eficientes que inicialmente era vinculado a FUNAD e depois passou a fazer parte do departamento de música da UFPB. Os alunos desse projeto tinham uma faixa etária de 10 a 30 anos, com a participação de oito alunos.

A turma que escolhemos trabalhar era composta pela maioria por cadeirantes e um aluno com dificuldade de aprendizagem, as aulas foram realizadas numa sala do departamento de música da UFPB (sala pequena com cadeiras, piano e mesa). Os materiais utilizados foram notebook, caixa de som, quadro branco, instrumentos de percussão e de sopro tais como trompete, trompa, trombone e clarinete. Mesmo diante das limitações físicas e o nível de conhecimentos variados, os alunos mostravam-se interessados nas atividades desenvolvidas, participavam ativamente e compreendiam rápido o conteúdo abordado. Um de nossos maiores desafios era como desenvolver atividades que atendesse as necessidades da turma e ainda contemplasse nossa proposta de trabalhar a prática instrumental coletiva. Diante dessa realidade começamos a nos questionar: Que temática poderíamos abordar com a turma? Que conteúdos poderia contribuir para a sua formação musical? Como abordaremos tal proposta que facilite essa aprendizagem? E foram esses questionamentos que nos fizeram chegar ao nosso plano de ensino.

Além das aulas ministradas no projeto, também ocorriam os encontros semanais com a professora e a turma de estágio. Nesses encontros, discutíamos propostas metodológicas, desafios encontrados durante as aulas e a criação de atividades entre outros. Uma das metodologias que utilizamos para esse contexto foi à pedagogia de projetos, que segundo Pimenta e Lima (2012), indica que “a realização dos estágios sob forma de projetos pode estimular nos estagiários o desenvolvimento de um olhar sensível e interpretativo às questões da realidade” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 229).

Neste sentido, elaboramos um projeto que tinha o intuito de trabalhar a teoria e prática instrumental a partir de dos gêneros musicais que pensamos ser importante para a aprendizagem da turma. Desse modo, sentimos a necessidade de trabalhar a prática instrumental coletiva em nosso plano de ensino, e para desenvolver essa prática utilizamos o choro e o baião como uma ferramenta de aprendizagem e como, mais um conhecimento que poderia somar na aprendizagem dos alunos já que eles não tiveram um contato aprofundado com os gêneros.

O resultado do trabalho desenvolvido foi muito mais além do que apenas propiciar a prática instrumental coletiva com esses cadeirantes, mais a frente comentaremos sobre. A escolha em atuar nesse espaço se deu porque um dos alunos que compõe a dupla já atuava

neste projeto há um tempo, e o outro por adquirir novas experiências já que nunca tinha atuado nesse contexto. O projeto, para a nossa formação como professores foi sem dúvida enriquecedor e desafiador pelo fato de incluir uma abordagem de ensino diferenciada, que se desprende de um ensino totalmente tradicional no qual em sua maioria o professor é o responsável por impor sem considerar o que os alunos trazem de seu cotidiano e suas dificuldades. É também, uma abordagem que exige do professor um lado reflexivo, um momento em que o professor precisa parar e refletir sobre sua prática, do que funcionou ou não funcionou e o que precisa ser melhorado.

### **Fundamentação Teórica**

O tema do nosso plano de ensino, que chamamos de “Acordes eficientes: vivenciando o choro e o baião”. Foi escolhido aproveitando o próprio nome do projeto e também por, trabalhar a prática instrumental coletiva junto com a teoria musical. A partir disso, através das observações pudemos perceber que os alunos ainda tinham muitas dificuldades em relação a essas duas práticas, e então, resolvemos manter essa proposta da prática instrumental coletiva em nosso plano de ensino. E para desenvolver essa prática, utilizamos o choro e o baião como ferramenta de aprendizagem e também, como mais um conhecimento que poderia somar na aprendizagem dos alunos já que eles relataram que não tinha um contato aprofundado com os gêneros. Com essa proposta, conseguimos adaptar e experimentar metodologias como: a manossólfia do pedagogo Zoltán Kodály para auxiliar na aprendizagem das atividades, além de utilizarmos também, alguns recursos tecnológicos como smartphone e computador que contribuíram para o desenvolvimento das aulas.

Ao entender que o estágio “envolve também experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p.20). Dessa maneira, uma de nossas práticas era a experimentação onde através das necessidades dos alunos enxergávamos outras possibilidades de ensinar o mesmo conteúdo, só que de uma maneira em que eles não tivessem tanta dificuldade. Tal como, “os conteúdos (...) seriam trabalhados não mais a partir de uma organização prévia, sequenciada e controlada pelo professor, mais iriam sendo pesquisados e incorporados à medida que

fossem demandadas pela realização dos projetos” (DEL BEN, 2011, p. 25). Neste sentido, o choro e o baião foi o fio condutor das práticas que foram desenvolvidas nas aulas, foi uma maneira que encontramos de uma abordagem diferente para a compreensão de conceitos que geralmente são tratados de maneira tradicional e metódica.

Durante as aulas desenvolvemos por várias vezes práticas de conjunto tanto com instrumentos de sopros e de percussão, como também em algumas atividades que não faziam uso dos instrumentos, mas com a utilização do corpo e da voz.

## **Metodologia**

Antes de dar início as aulas, foram realizadas três observações, todas essas feitas enquanto eles participavam das aulas de música do projeto e sem a nossa participação ativa nas aulas. Essas observações serviram para nos preparar melhor e planejar as aulas baseadas na compreensão da dinâmica da turma e o funcionamento do projeto no geral, considerando o comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula, a participação, envolvimento nas aulas e suas dificuldades e limitações. Após as três observações, começamos a ministrar as aulas e tínhamos oito aulas para fazer um trabalho com a turma.

### **1ª aula**

Essa aula se dividiu em duas partes: a primeira com caráter expositivo e outra parte prático. Antes de iniciar a aula, realizamos perguntas aos alunos: o que eles entendiam por choro? se já ouviram? E a partir disso, surgiram algumas dúvidas sobre como identificar o gênero choro. Com base nessas questões, falamos da origem do choro e suas principais características, os principais instrumentos utilizados e um pouco do improviso que consiste em um elemento importante dentro do choro. Após isso, apresentamos alguns compositores e suas respectivas obras, e mostramos vídeos com diferentes formações de grupos de choro, bem como também utilizando instrumentos iguais aos que os alunos usavam no projeto. Ao final da aula, realizamos uma prática coletiva com os alunos, enquanto que o professor tocava no trombone a melodia da música, os alunos faziam o acompanhamento usando instrumentos percussivos, explorando dinâmica, andamento e usando a criatividade.

As expectativas para essa aula foram positivas, os alunos reagiram e participaram

muito bem. Durante a explicação foram surgindo dúvidas e curiosidades o que deixou a aula mais dinâmica e isso fez um diferencial enorme, pois conseguimos envolvê-los nas atividades. No momento da prática coletiva sentimos o entusiasmo deles ao tocar com a gente, mesmo a música sendo difícil fizemos uma harmonia com notas em que eles pudessem tocar sem tanta dificuldade. Um dos alunos da turma ficou bem empolgado, que até comentou “que queria aprender a melodia da música”. Achamos uma ótima ideia, então propomos para ele que estudasse apenas o início da música, e que a segunda parte o professor faria por ser uma parte um pouco mais difícil. Vale salientar que esse aluno era um pouco mais avançado que os demais e conseguia ler um pouco, mas pegava rápido de ouvido. É importante esse tipo de desafio, pois estimula não só o aluno, mas os demais colegas e é uma forma do próprio aluno acompanhar a sua evolução.

## **2ª aula**

Iniciamos essa segunda aula trabalhando a dinâmica, fazendo sons fortes, fracos, longos e curtos com objetos e utilizando instrumento, perguntamos para eles qual o som e a intensidade que eles conseguiam identificar? Em seguida, explicamos que esses sons vistos se tratam da dinâmica que pode ser vista na música com o choro. Apresentamos a grafia e relembramos os vídeos de diferentes formações de grupos de choro que foi mostrado na aula anterior, e foi interessante esse momento dos vídeos, porque em um dos vídeos a ênfase nas dinâmicas era tão evidente que era possível qualquer pessoa identificar, pelo fato dos músicos interpretarem usando o corpo no momento da dinâmica como, por exemplo, quando tinha um piano os músicos se abaixavam ou quando tinha um crescente. E isso chamou muito a atenção da turma, e ajudou a compreenderem melhor a função da dinâmica na música. Dessa forma, utilizamos o mesmo arranjo da música utilizada na aula anterior, para exemplificar como seria realizada a dinâmica nos seus respectivos instrumentos. Primeiramente fizemos com o solfejo das figuras porque os alunos tinham dificuldade em identificar as figuras e seus valores. Logo depois de familiarizados com elas, fomos acrescentando as dinâmicas como, por exemplo, “toquem tal figura piano, forte e assim eles fizeram”.

O desafio encontrado nessa aula foi no momento das explicações quando o aluno

levantou uma questão sobre qual a intensidade específica ou se existia um padrão para identificar forte e fraco. É preciso refletir, sempre precisamos estar preparados para qualquer eventualidade que possa acontecer em aula e tentar deixar o mais claro possível à dúvida do aluno.

### **3ª aula**

A aula foi iniciada com a proposta de familiarizar os alunos com as tonalidades usadas no arranjo da música carinhoso de Pixinguinha. E para tanto, utilizamos as escalas de sol maior e fá maior, não procuramos seguir essa mesma sequência de notas que possui a escala. Porém, adotamos como base as duas escalas para que os alunos criassem outras sequências de notas tocando seus instrumentos utilizando a articulação, andamento e dinâmica. Em seguida dividimos por naipe para trabalhar o arranjo, ficando trompete e trompa com um professor e o eufônio e trombone com o outro, e executamos o arranjo todos juntos.

Para essa aula tivemos como objetivos propiciar a familiarização com as tonalidades de sol maior e fá maior, desenvolver a técnica no instrumento, estimular a pulsação e o andamento, desenvolver a prática coletiva, promover a vivência com o choro a partir do arranjo “carinhoso” de Pixinguinha. Seguidos dos conteúdos: Escalas de sol maior e fá maior; Elementos musicais: andamento, articulação, duração e prática de conjunto. Nesta aula foi positiva porque utilizamos alguns elementos e fundamentos de aulas práticas anteriores realizadas pelo professor supervisor do projeto, que consistiu no trabalho de escalas, postura, correção de digitação, articulação e interpretação. A proposta dessa aula funcionou bem, os alunos não apresentaram tantas dificuldades na execução e nem na compreensão. Acho que o fato de trabalhar as tonalidades não utilizando a escala de maneira tradicional facilitou a aprendizagem e tornou o que poderia ser cansativo e repetitivo tornar-se uma prática criativa e prazerosa.

### **4ª aula**

Nesta aula Iniciamos uma conversa sobre a origem do baião e os principais instrumentos utilizados nesse gênero. E como compositor abordamos o Luiz Gonzaga, já que

eles o conheciam e tentamos extrair o máximo de informações sobre o compositor e suas músicas. Logo mais foi realizada uma atividade de reconhecimento de ritmos, e dentro desses ritmos abordamos o baião, choro e outros para que eles tentassem identificar ouvindo os áudios. Depois distribuímos alguns instrumentos de percussão para os alunos e um dos professores fez um ritmo que correspondia ao do baião, enquanto que os alunos criaram um novo ritmo que acompanhassem o ritmo que o professor estava fazendo. Dando continuidade, eles fizeram o acompanhamento da música mulher rendeira e depois cantamos todos juntos a mesma melodia. Em relação a função da música como ferramenta na discussão da diversidade Souza (2014) diz que:

É perceptível que a cultura popular encontra-se conectada a diversidade social do nosso país, sendo assim, a mesma torna-se importante instrumento que juntamente com a música pode auxiliar de forma intensa e eficaz no ensino aprendizagem no âmbito escolar (SOUZA, 2014, p. 78).

Interessa observar, segundo SOUZA (2014), que “a *vivência* da cultura popular”, permiti uma aproximação do universo da oralidade, além de contribuir no aprendizado de ritmos e canções próprias da cultura popular. Para explorar a cultura e a música, a atividade desenvolvida procurou interagir com os alunos sob esses dois campos. Sentimos falta da articulação de alguns pontos em relação ao planejamento, mas a temática principal da aula foi abordada e compreendida pelos os alunos. O baião nos oferece várias possibilidades de criação de estratégias de ensino para ministrar atividades dentro dessa temática.

## 5ª aula

Para esta aula tivemos como foco a execução da música mulher rendeira, e para tanto trabalhamos a célula rítmica do baião mostrando as figuras correspondentes desse ritmo e fazendo relação com o instrumento zabumba que é responsável por fazer uma figura e o bacalhau outra. A partir disso trabalhamos o ritmo utilizando primeiro à voz onde cada aluno ficou responsável por uma figura que correspondia a uma variação da célula rítmica do baião. A ideia é que cada aluno fica-se com uma figura, colcheia pontuada, semicolcheia ligada com a colcheia e a colcheia, ou seja, a junção dessas figuras como um todo resulta o ritmo do baião. Em seguida realizamos esse mesmo exercício usando o corpo (palmas, peito,

perna) variando o andamento e a dinâmica. De acordo com a nossa experiência nessa atividade, nesse sentido, autora explica que:

O brincar e a brincadeira são elementos importantes nos processos tradicionais de musicalização, de onde decorre a viabilidade da utilização de elementos próprios da cultura popular, também chamados de *brinquedos populares*, para o ensino de música na escola, especialmente para as crianças que cursam as séries fundamentais (SOUZA, 2014, p.75).

Com isso, surge uma identidade que transita entre valores e comportamentos da coletividade. Nesse caso, o fato de brincar é apontado como ponte para conhecer e reconhecer valores culturais, envolvendo a música como princípio pedagógico nas linguagens culturais no ensino em sala de aula.

O nosso desafio sempre é conseguir uma solução de imediata para alguma dificuldade que venha surgir, e que nesta aula ocorreu. Os alunos tiveram dificuldade em relação a identificar à altura da nota no instrumento. Sendo assim, pensamos logo em algo que pudesse solucionar essa dificuldade e pedimos aos alunos que solfejassem as notas usando o som do trombone como referência. Depois do solfejo, fizeram novamente no instrumento e funcionou. Pensando nessa dificuldade resolvemos planejar a próxima aula com foco no solfejo e altura das notas para que eles exercitem e percebam a importância do solfejo e incluam sempre em seus estudos diários.

## 6ª aula

Nesta aula trabalhamos a leitura, solfejo e altura das notas aplicadas as músicas trabalhadas durante as aulas. E para trabalhar a leitura e os valores das figuras usadas nas músicas, usamos palavras que eles conheciam, e para isso utilizamos as palavras: pão, bolo e chocolate para que eles compreendessem melhor a duração das figuras (semínima, colcheia e semicolcheia). Além disso, pedimos para eles darem sugestões de outras palavras que compreendesse o tempo de duração das notas. Depois dessa experimentação, utilizamos o manossólfa de zoltan kodály fazendo inicialmente de dó a dó para que eles memorizassem o sinal para cada nota. Depois de memorizado fizemos a manossólfa com a música mulher rendeira, usando o som do trombone para a entoação das notas. E por fim, fizemos a leitura

da música novamente executando no instrumento.

Sendo assim, a educação musical em sala de aula possibilita a reflexão e capacitação de professores para um universo cultural visando desenvolver métodos que colaborem com a cultura popular.

A experiência dessa aula para nós foi marcante e ao mesmo tempo desafiadora, percebemos a importância da aula com uma abordagem diferente para a aprendizagem dos alunos é um diferencial, e o melhor é eles puderam perceber isso. Foi possível perceber na atividade de leitura das figuras, quando acrescentamos simples palavras que eles já conheciam que para eles surtiu efeito de imediato relatando que foi “fantástico” como um dos alunos se expressou durante essa atividade. E outro momento, foi à adaptação que o próprio aluno fez rapidamente para fazer o manossólfa e que no momento nós professores não conseguimos pensar em uma solução rápida. Isso nos fez refletir o quanto nós professores precisamos estudar e entender mais sobre esse contexto e sermos mais ágeis.

## **7ª aula**

Para esta aula tivemos como principal foco, o desenvolvimento de um ensaio da música carinhoso, no qual após um aquecimento de notas longas dividimos a turma entre melodia e harmonia ficando uma parte da turma com um professor e o outro professor com o aluno que fazia a melodia. O processo de aprendizagem foi feito através da imitação onde os professores faziam os trechos e os alunos repetiram. Esta aula foi planejada dessa forma especificamente focando na prática do instrumento aplicada ao arranjo, a pedido dos próprios alunos que sentiram essa necessidade de fazer uma aula voltada para essa música porque queriam tocá-la de qualquer forma. Pensando nisso, como era a penúltima aula e já tínhamos conseguido trabalhar muitas coisas dentro da proposta do arranjo, acreditamos que foi importante para eles. Já que as aulas anteriores aconteceram mesclando sempre teoria e prática. A execução inicial da prática da música foi realizada com os instrumentos trompa e trompete fazendo a melodia, enquanto que o trombone fazia o acompanhamento principal. Podemos refletir sobre processos metodológicos e pedagógicos, propostas que englobam algo que vai além da musicalidade dos alunos e que faz relação com o que Penna (2008) diz sobre prática musical, explicando que:

As propostas do ensino de música precisa romper barreiras quanto atuação da prática, mesmo levando em conta a situação de estrutura que encontramos nas maiorias das instituições de ensino para a prática musical (PENNA, 2014, p. 11).

Durante a prática, percebemos que o aluno do trompete não estava conseguindo fazer a melodia, então resolvemos colocá-lo para fazer o acompanhamento junto com o aluno de trombone, enquanto a trompa faz a melodia. Diante de tal desempenho, sugerimos que o aluno iria estudar também a parte da melodia para praticar em casa. Passamos as quatro primeiras frases para que os alunos compreendessem a estrutura rítmica e melódica da música.

### **8ª aula**

Nessa aula comunicamos aos alunos que essa seria a última aula do estágio e que para esta aula faríamos uma roda de choro com eles, e para tanto tivemos a participação de um guitarrista e uma pandeirista para acompanhar eles. Em seguida passamos a música com os alunos até onde eles conseguiam fazer e a outra parte da música foi dividida entre os professores que alternaram. Ou seja, os alunos iniciaram a música, e passaram a vez para um dos professores que tocou a parte do meio da música enquanto que o outro professor ficou com a parte final da música. A ideia era proporcionar a vivência de um grupo de choro, fazendo essa interação musical dos alunos com os professores e colocasse em prática tudo o que foi abordado ao longo das aulas.

### **Resultados**

A experiência adquirida no decorrer das oito aulas foram extremamente enriquecedoras e desafiadoras. Inicialmente, o trabalho em dupla de planejamento das aulas nos levou há um amadurecimento no que tange a necessidade da troca de experiências e expectativas em relação às atividades a serem desenvolvidas. Posteriormente, as discussões durante as aulas de estágios sobre nossas atividades permitiu a consolidação do trabalho, através das sugestões dos colegas e da professora da disciplina de estágio. Esses encontros foram sem dúvida importante para a nossa atuação, a fim de esclarecer eventuais dúvidas

que iriam surgindo no decorrer das aulas em relação aos conteúdos ministrados.

A vivência oportunizada pelo estágio nos possibilitou ampliar nossa visão sobre a importância da elaboração do plano de aula para o desenvolvimento de uma metodologia que contemple as necessidades e as limitações dos alunos. Nesse contexto, foi possível perceber que nesse espaço os planejamentos não acontecem exatamente da forma que foi planejado, mas a essência da aula era mantida e os conteúdos aplicados. A cada aula um dos alunos sempre questionava algo em relação a nossa maneira de abordar os conteúdos, para eles era sempre algo novo e divertido de aprender. Uma das perguntas que nos fizeram foi: “ah, dessa maneira aprendemos rápido, por que se tivessem ensinado para a gente assim, teríamos aprendido”.

A partir de nossa experiência no estágio, notamos que este contexto de ensino requer de nós um maior empenho para construir um trabalho que esteja articulado com a vivência do aluno e as suas limitações. A experiência foi bastante válida, aprendemos bastante com os alunos, sempre abrindo o espaço para ouvi-los e receber suas sugestões. Dessa maneira, consideramos esse diálogo bastante importante para o crescimento e o desenvolvimento das aulas e é fundamental na atuação de um professor.

O estágio tem uma enorme importância na formação profissional, é uma experiência que proporciona preparação e uma aproximação do professor estagiário a realidade do contexto em que ele atuara futuramente. É também, no estágio que o licenciando, tem a possibilidade de utilizar o conhecimento teórico na prática, procurando sempre fazer reflexões durante as aulas, na busca de melhorias e desenvolver melhor sua prática.

Mediante a observação do grau de dificuldade na execução do instrumento de alguns participantes, como por exemplo, o trompete. Sentimos a necessidade de eventualmente ser desenvolvido um material que possa auxiliar a prática em virtude de uma dificuldade de manuseio do instrumento. Dessa forma, por meio de parceria com outras instituições ou até mesmo na própria UFPB, poderia ser criado um tipo de “pedestal” que fosse utilizado como recurso de apoio ao instrumento para garantir o conforto daqueles que têm dificuldade motora em um dos membros superiores, que é uma deficiência que geralmente é identificada na maioria dos cadeirantes. Como sugestão para referida disciplina de estágio, sugerimos ampliar as parcerias com outras entidades e/ou instituições, de modo a promover

e estimular a participação dos alunos do Curso de Licenciatura em Música a buscar por espaços direcionados às pessoas com deficiência, como por exemplo, surdos, cegos, síndrome de *down*, autistas e entre outros. Para a nossa formação como professores de música o estágio contribuiu significativamente, através do trabalho em dupla, na construção do planejamento das aulas e do plano de ensino, reflexão de metodologias para esse público, e as discussões sobre perspectivas de atividades para mediar à aprendizagem dos educandos. Além disso, podemos incluir as dinâmicas em grupo realizadas durante os encontros com a turma e a professora da disciplina de estágio que auxiliou no desenvolvimento e aplicação das aulas com os alunos do projeto.

## Referências

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Planejando o estágio em forma de projetos. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 219-229.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poíesis*, v. 3, n. 3 e 4, p. 05-24, 2005/2006.

DEL-BEN. Música nas escolas. In: Salto para o futuro: educação musical escolar. Ano XXI, boletim 08. TV escola, p. 24-33, junho 2011.

PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, v. 10, n. 7, 2014.

SOUZA, Fernanda. O brinquedo popular e o ensino de música na escola. **Revista da ABEM**, v. 16, n. 19, 2014.